



REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 28-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talhaba-Lisboa • Telefone 5339 O.
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A CONFEDERAÇÃO PATRONAL

A célebre Confederação Patronal, que há semanas nos mereceu aqui largas referências, continua enviando aos magnatas do comércio e da indústria umas circulares «confidenciais» com o intuito de aliciar adesões para a desengonçada chafarica. Nestas circulares apresenta a Confederação a sua folha de serviços. Foi ela que evitou os anunciados assaltos de Março. A quando da greve dos correios foi ela que recebeu, expediu e distribuiu milhares de cartas e postais. Ela prestou ainda outros serviços de «relevância apreciável, que as circunstâncias foram a conservar recatados». A Confederação Patronal pretende ainda executar muitos mais trabalhos, mas a modos se sente com pouco fôlego. Pede por isso aos senhores patrões que a coadjuvem e auxiliem. Isto porque «o vento da insânia se agita com fragor sobre os velhos pilares da sociedade constituída, fazendo rolar sobre eles o facho eripitante da discórdia, que sentimos aproximar pela onda do desvario que tolda o espírito das classes, inoculando-lhes fermentos que as faz trevar para um radicalismo ou extremo, em que a ordem e a disciplina virão a perder a compustura que é a sua razão».

Quem conhece os processos da Confederação Patronal — e a respeito deles já alguma coisa tivemos ensino de dizer aos leitores, — não ficará admirado se lhe dissermos que todo o texto da circular é um amontoado de parvoíces e mentirolos indecentes, escritas em bundo. Lá vem a pintura tétrica da sociedade bolchevista, toda crimes e horrores, para amedrontar os negociantes pacatos e pouco esclarecidos, levando-os a meterem-se naquela camisa do onze varas que é a Confederação Patronal, e a desembrarem algumas massas, «a quantia máxima», para o sustento da instituição.

Os seus enganamentos muito ou não dará colheita que se veja esta sementeira de circulares. O patrão português é ainda duma ta-

canhês primitiva, refratário portanto à organização. Depois, é medroso. Esta pusilanimidade dos patrões tem-se revelado vezes sem conta nas próprias assembleias da Confederação Patronal onde se evita entusiasmadamente pronunciar um nome que possa indicar ali a vingança dos terríveis bolchevistas. Até na circular a que vimos fazendo referência esse medo invencível se demonstra. O documento não vem assinado, e traz no fim a explicação: «Pelo melindre da situação e pela gravidade do momento que atravessamos não se indicam nomes, os quais ficam perdidos na sede, à disposição do v. ex.», podendo desleixadamente assegurar-lhes que todos eles são da maior respeitabilidade e idoneidade. E' natural. Pessoas bem comidas e bem bebidas, vivendo no meio do luxo e do conforto, forçados a que presem uma vida que aqueles maltrapilhos a quem a existência não tem dado mais que trabalhos, privações e amarguras.

Depois compenetrarem-se os senhores patrões da ineficácia absoluta da sua tentativa de reacção. Os patrões não fazem mais que remar contra a maré e é impossível evitar que a corrente os arraste, essa corrente já impetuosa do progresso. Esse detestado regime sovietista que a Confederação Patronal calania descaradamente, está vitorioso e quasi geralmente reconhecido. A sua poderosa influência aviva em toda a parte focos revolucionários. A força operária aumenta e o dia da emancipação aproxima-se. Já vemos, pois os patrões confederados quanto há do ridículo e de estéril no seu esforço, desesperada tentativa de pigmeus para fazer parar o mundo.

O melhor é deixarem-se estar quietinhos os homens do comércio e da indústria. O seu reinado não findou ainda, infelizmente. De maneira que o mais acertado é irem desfrutando os privilégios que o regime capitalista lhes outorga — e habituarem-se à ideia de que um dia se lhes acabará o rir-panso.

EM MILÃO

A FURIA DOS REACCIÓNARIOS

A bomba do teatro Diana

Na noite de 23 de Março, no teatro Diana, de Milão — teatro bastante frequentado pelas classes populares da cidade — explodiu uma bomba que, além de produzir enormes estragos materiais, causou a morte horrível de cerca de 20 pessoas, incluindo algumas mulheres, e feriu muitas outras gravemente.

Aproveitando-se da impressão de terror que tam trágico acontecimento não podia deixar de produzir no espírito da população, os «fascistas», esse bando de sicários a soldo dos capitalistas, empreenderam uma luta feroz e sangüinária por toda a Itália contra aqueles cujo único crime é simplesmente desejarem o desaparecimento desta sociedade, que, pela sua estrutura e sua organização, é a única responsável de todos estes actos desesperados e de todas as vinganças ferozes que inevitavelmente terão de explodir de tempos a tempos por toda a parte, quer queiram, quer não.

Não se sabe por enquanto o nome do autor ou autores do horrível atentado, mas o facto é que dele só tem beneficiado, pelo menos até agora, as classes burguesas, incendiando e destruindo, pela mão dos seus seguidores, todas as redacções e escolas de estudos, que pela sua propaganda lhes vinham ameaçando a sua situação de parasitas e exploradores.

A pouca consideração que pela vida humana vem de há muito já mostrando o criminoso bando de «fascistas» da Itália, leva-nos a crer que, para conseguirem os seus tenebrosos fins, não teriam escrúpulo algum em lançar uma bomba num teatro popular, a hora de espectáculo, mas mesmo que se tratasse de um acto terrorista, ao qual fossem esdradeiro protesto, ao qual fossem estranhos todos os agentes da «ordem burguesa», nós, antes de condenarmos o autor do atentado, condenamos primeiro aqueles que pela sua acção e procedimento criminoso estão se impedindo os mais exaltados e os mais sensíveis para actos como este, de desespero e de vingança cega.

O centenário de Beaudelaire

PARIS, 10. — Paris comemora hoje o centenário do nascimento do célebre poeta francês Charles Beaudelaire. Editou-se há uma lapide comemorativa no lugar onde nasceu o conhecido poeta francês. — Rádio.

AS GREVES

Manipuladores de pão

A greve dos operários manipuladores de pão, anteontem iniciada, continua com entusiasmo por parte dos grevistas, tendo-se efectuado ontem duas assembleias magnas que estiveram imensamente concorridas, deliberando manter-se na mesma atitude até que as suas justas reclamações sejam satisfeitas.

Não vimos os manipuladores de pão para a greve se os industriais de padarias os tivessem atendido, e só chegaram a esse extremo depois de esgotados todos os meios conciliatórios, como se verificou.

Não se pôde, pois, acusar de intransigentes aqueles operários, que procuraram por todas as formas evitar o conflito em que se lançaram.

A Inglaterra recessa

LONDRES, 20. — Hoje, ante o Tribunal Central Criminal compareceu um «capitão da aviação». O juiz fez ao acusado as seguintes de-larações:

«Devia enviá-lo para a cadeia, mas deixo-me influenciar pelo facto de que vivemos numa época crítica e dentro de alguns dias ou semanas a nação terá provavelmente necessidade dos seus serviços. Teremos com efeito necessidade de homens para defender o país de um inimigo talvez mais perigoso que a Alemanha». — Rádio.

Os conservadores italianos

pretendem organizar-se contra os comunistas

ROMA, 10. — Os jornais anunciam a formação de um partido nacional com a cooperação de todos os elementos conservadores para a defesa da propriedade contra o comunismo, desenvolvimento da agricultura e indústria, marinha mercante, liberdade de comércio e encerramento do parlamento. — Rádio.

Errico Malatesta

Foi-lhe finalmente instaurado processo e aos companheiros

Reüniram-se no dia 25 de Março findo — isto é, cinco dias após o início da greve da fome, que Malatesta, Borghi e Quaglino resolveram fazer para ver se por este meio conseguissem descobrir qual o crime de que os pretendiam acusar — os vários magistrados da «Corte di Appello», que assentaram em absolvoção o primeiro dos réus dos seguintes crimes: do delito de conspiração, do da publicação e distribuição de folhetos subversivos e dos delitos referentes a artigos publicados na *Umanità Nova*, sem serem da sua autoria; e acusaram-no de instigador ao ódio de classes, à insurreição contra os poderes de Estado e à modificação violenta da forma do Estado por cujos crimes terá de comparecer perante o tribunal afim de ser julgado.

Quanto aos restantes presos que, além de Borghi e Quaglino, eram em número de 19, foram, na sua quasi totalidade, absolvidos, e, exceptuando Borghi e Malatesta, foram todos os outros postos em liberdade, apesar de alguns deles (quatro) também como aqueles camaradas terem ainda de ser julgados.

Não obstante, todo este procedimento da justiça italiano para com Malatesta e Borghi já tem conhecimento das resoluções tomadas pelos magistrados da «Corte di Appello», deviam ter cessado a greve da fome, pois que esta visava única e simplesmente a conseguir que os accusados de qualquer delito ou crime e lhes marcessem um julgamento, e como conseguiram este desiderato, está claro que a causa principal do seu protesto deixou por esse facto de subsistir.

No entanto, o que nos poderia elucidar por completo sobre este assunto seria o órgão anarquista *Umanità Nova*, mas em virtude do recente assalto dos «fascistas» à redacção daquele jornal, não nos tem infelizmente cá chegado os últimos números.

Um ultimato à Hungria

VIENA, 10. — O jornal *Abend* de Viena diz que as potências da pequena Entente dirigiram a Budapest um ultimato para exigir as seguintes medidas destinadas a impedir uma nova intenciona dos Habsburgos:

- 1.º — Desarmamento do exército húngaro;
- 2.º — Entrega à Áustria da Hungria ocidental;
- 3.º — Criação de uma democracia húngara.

Nos meios oficiais de Viena não se sabe nada acerca deste ultimato. — Rádio.

A miséria na América

Informações particulares vindas da América do Norte mostram quanta miséria por lá estão passando os trabalhadores portugueses, que, enganados por agentes de emigração, ali tem ido parar.

Os industriais tem fechado as fábricas, uns devido à crise financeira, outros por tática, a fim de fazerem baixar os salários. O nosso informador estava ganhando 50 centimos por hora, trabalhando 8 horas. A fábrica fechou para lhe reduzir o salário a 45 centimos e a outros operários em idéntica proporção, outras indústrias tem encerrado as portas das suas fábricas para reduzir os salários e aumentar as horas de trabalho, e há ainda algumas que dão, por grande favor, três dias de trabalho por semana.

E' uma verdadeira desgraça. Operários tem havido, que não podendo suportar por mais tempo as agruras da fome, se suicidam.

Aqui fica rapidamente descrito este quadro de miséria, para elucidação dos incautos.

CONFERENCIAS

A cultura da vida

Promovida pela Sociedade Naturista Portuguesa, realiza-se hoje, na Rua António Maria Cardoso, n.º 20, a segunda conferência do dr. sr. J. Bentes Castello Branco, sobre a *Cultura da vida*. A entrada é pública.

Os grandes artistas

Sarah Bernhardt vivamente aclamada em Londres

PARIS, 9. — Mme. Sarah Bernhardt appareceu no teatro em Londres com «Daniol». Foi chamada a scena tantas vezes para receber as ovações do público que depois do segundo acto o secretário do teatro anunciou que Mme. Sarah Bernhardt se tinha retirado exgotada para o seu camarim e pediu disão desculpa ao público. — Rádio.

Uma execução no México

LONDRES, 10. — Um telegrama da «Central News», de New-York annuncia que o governo mexicano mandou prender e executar o general João Fernandez, chefe da rebelião que rebentou no Estado de Chiapas.

India-se também que, segundo informações recebidas no ministério do estado mexicano, vários generais partidários do ex-presidente Carranza preparam um novo levantamento insurreccional capitaneado pelo general Muiriquia. — Rádio.

Trabalhadores. Lede e propaga A BATALHA

Através da Rússia

(DA AGENCIA «ROSTA WIEN»)

Contra o analfabetismo

O Sôviets de Moscúvia abriu 700 escolas para adultos analfabetos. Essas escolas contam 20.000 alunos. A província de Moscúvia possui 1.600 escolas semelhantes.

No Universidade de Odessa

Os *Ukrainski Vistnik* publicam uma entrevista com um estudante da Universidade de Odessa. Os estudantes tem rações alimentares idénticas às dos soldados vermelhos: uma libra de pão por dia e refeições gratuitas. Recebem ainda 3000 rublos por mês. Trabalham uma hora por dia para a República sovietista. Os estudantes da escola de medicina trabalham nos hospitais e os da escola de direito nos tribunais revolucionários.

Escolas e mais escolas

Na província de Orenburgo, existem 685 escolas para analfabetos com 30.000 alunos e 891 professores.

A propaganda pelo cinema

A secção cinematográfica da comissão da Instrução pública mandou fabricar um grande film, representando o desenvolvimento dos sindicatos e o seu papel na produção. O film obteve um grande successo.

Livros russos impressos na Alemanha

O editor alemão de Máximo Gorki chegou a Petrogrado. Levou amostras de livros de escola russos que tinham sido impressos em Leipzig.

O comércio entre a Suécia e a Rússia

Os jornais de Estocolmo annunciam a constituição dum *consortium* sueco para exportação de m. radorias suecas para a Rússia. Este *consortium* reúne as maiores fábricas metalúrgicas, uma possante companhia de electricidade, fábricas de fósforos, etc. Os jornais informam que começou a entrega das locomotivas que as cooperativas encomen-

Exercencias Teatrais

A REVISTA

Houve tempo em que os directores dos teatros de ópera, quasi no fim das épocas teatraes, faziam representar uma amalgama de scenas orçadas de uma música ligeira a que chamavam revista, nome apropriado por perpassarem no palco os casos mais grotescos do ano, casos que um sujeito que atravessava a peça e a quem davam o nome de *Compadre* contava com ditos de espírito.

Essa paragem, um filho deste mundo cheio de cambiantes, ia por malhas artes apparecer nas regiões da fôrça do absurdo, onde se passava o primeiro quadro da obra; e ali, depois de um recitativo patuço, era incumbido o pobre mortal de levar consigo uma habilitação dessa região fastidiosa para lhe mostrar o que de bom e asseado havia na capital.

O homem aceitava o encargo, e momentos depois apparecia numa repartição publica, onde assistiam as mais estravagantes peripécias entre os classificados «mangas de alpaca». Fim do quadro, lá continuavam nessa via-sacra, por ruas e praças, a comentar os costumes e os ridiculos cidadãos, que appareciam nos quadros seguintes, até que a madama voltava, identificada sobre a vida lisboeta, para a sua terra, onde iria contar tudo quanto vira e observava.

Houve revistas que, modelos do género, como o *Tim, tim*, o *Sal e pimenta*, o *Alô*, *o preta*, se notabilizaram, fazendo a delicia de nossos ouvidos. Também nelas se fizeram as reputações de actores queridos, como o Augusto, o Joaquim Silva, o Alfredo Carvalho, o Santinho, que com a sua *vida cômica* supriam algumas vezes a falta de engenho e graça dos autores, metendo piadas de sua lavra a que em *argot* teatral chamavam *buxas*.

Do género que antigamente os empresarios lançavam mão em último recurso para fugirem as *perdiças* que esvoaçavam na bilheteira, fizeram mais tarde novos empresarios pegu obrigada para final de temporada, e durante o decorrer das *saissas* teatraes falava-se na revista da Trindade, como se falava na da Rua dos Condes, como na do Avenida. Nos intervalos das partituras de Lequoc, de Snppé ou de Andran discutia-se nos *foyers* dos teatros os números de futuro agrado e os ratos do palco iam revelando e dos quais os autores só muito avaremente davam noticia para não tirar o interesse da *première*.

Des'arte, as revistas multiplicaram-se e os revisteiros proliferavam como os cogumelos em terreno húmido. O que outrora fora uma tábua de salvação, um recurso extremo para uma outra empresa prestes a naufragar, tornou-se, anos decorridos, plano anticipado da exploração teatral. Assim, as revistas de ano converteram-se em revistas de semestre, depois, revistas de mês, e hoje são um pretexto para o espectador passar em revista as pernas das coristas que desfilam diante dele quando não descem à platéa para que passos libidinosos como maiores re-

formados sintam o prazer de verificar com as próprias mãos que não há artificios nem posturas a encobrir falhas de plasticidade, como succede numa revista ora em scena num palco alfaceira.

Como todas as coisas, a revista modernizou-se. O *compadre* que geralmente nos apparecia encarnado num tipo rusticão empunhando uma grosseira *malva*, passou a chamar-se *compre* e apparece-nos vestido pelo último figurino e brande uma *badine* de Malaca. E' certo, ainda nos sai disparatadamente do primeiro quadro, mas perde em chalaça e em riso iónico o que ganhou em grosseira alvar; e havendo chagás piustilantes para cauteizar, limita-se a impingir ao público sermões que o público já esquece.

Pretendendo alguns autores reivindicar a revista como género nacional de teatro, as revistas que hoje nos oferecem são a revelação formal da decadência deste género literário. Os nossos revisteiros — excluindo Schwaibach que ainda se orienta pelo velho preceito latino — macaqueiam, baseados em informações e dados que lhes fornecem pessoas chegadas de Paris, a clássica *revue des cabarets* parisienses. Seguindo os moldes dos Rips e Busquet da capital franceza, aquilo que se nos apresenta como revista é a negação flagrante do género que como tal em tempos que não vão longe propinavam a nossos pais. Pretendendo, por falta de observação critica, reformar a revista os cultores deste género tiraram-lhe o cunho acentuadamente nacional que Jacobety lhe imprimiu.

Ultimamente invadiu os palcos uma aluvião de *bons rapazes* com pretensões a revisteiros. São todos eles pessoas a quem o prestigio do teatro português não orienta. Alguns, demonstrando certa habilitação para architectar scenas dialogadas, são no entanto quasi analfabetos. Poderiam, se para tal possuíssem recursos, vir a lica com novos processos, com novas ideias sobre o caso, e isso impô-lo-ia à consideração das gentes; mas não, seguem na piugiada dos revisteiros consagrados, piagiando scenas e números de obras ntlgas, salemaleando os empresarios ou dando a honra a pessoa de peso de ser tem-bem autor com a única condição de fazer ir o trabalhinho a scena.

E assim vai vivendo esta gente, arranjando scenas que dem pretexto para o *costumier* e o scenógrafo brilharem, para um artista mostrar nua-rábula os seus recursos de actor e para as coristas exporem ante os olhares lassivos dum público ignaro as harmonias da sua plasticidade.

Deixando a moderna revista entregue os seus próprios recursos esse género teatral caltra irremediavelmente. Enquanto houver artistas de reconhecido mérito, como Chaby, Joaquim Costa, Angela Pinto, Auzenda, Gomes (o da Trindade), Amarante, etc., a valorizar com os seus recursos scenicos autênticos aleijões, em vez de desaparecer no esquecimento das coisas inúteis, a revista ameaçará perverter o sentimento do povo e subverter num atoleiro de podridão e de immoralidade o teatro português.

Jesus PEIXOTO

ANTE UM REGIME NOVO

Através da Rússia

(DA AGENCIA «ROSTA WIEN»)

Contra o analfabetismo

O Sôviets de Moscúvia abriu 700 escolas para adultos analfabetos. Essas escolas contam 20.000 alunos. A província de Moscúvia possui 1.600 escolas semelhantes.

No Universidade de Odessa

Os *Ukrainski Vistnik* publicam uma entrevista com um estudante da Universidade de Odessa. Os estudantes tem rações alimentares idénticas às dos soldados vermelhos: uma libra de pão por dia e refeições gratuitas. Recebem ainda 3000 rublos por mês. Trabalham uma hora por dia para a República sovietista. Os estudantes da escola de medicina trabalham nos hospitais e os da escola de direito nos tribunais revolucionários.

Escolas e mais escolas

Na província de Orenburgo, existem 685 escolas para analfabetos com 30.000 alunos e 891 professores.

A propaganda pelo cinema

A secção cinematográfica da comissão da Instrução pública mandou fabricar um grande film, representando o desenvolvimento dos sindicatos e o seu papel na produção. O film obteve um grande successo.

Livros russos impressos na Alemanha

O editor alemão de Máximo Gorki chegou a Petrogrado. Levou amostras de livros de escola russos que tinham sido impressos em Leipzig.

O comércio entre a Suécia e a Rússia

Os jornais de Estocolmo annunciam a constituição dum *consortium* sueco para exportação de m. radorias suecas para a Rússia. Este *consortium* reúne as maiores fábricas metalúrgicas, uma possante companhia de electricidade, fábricas de fósforos, etc. Os jornais informam que começou a entrega das locomotivas que as cooperativas encomen-

Exercencias Teatrais

A REVISTA

Houve tempo em que os directores dos teatros de ópera, quasi no fim das épocas teatraes, faziam representar uma amalgama de scenas orçadas de uma música ligeira a que chamavam revista, nome apropriado por perpassarem no palco os casos mais grotescos do ano, casos que um sujeito que atravessava a peça e a quem davam o nome de *Compadre* contava com ditos de espírito.

Essa paragem, um filho deste mundo cheio de cambiantes, ia por malhas artes apparecer nas regiões da fôrça do absurdo, onde se passava o primeiro quadro da obra; e ali, depois de um recitativo patuço, era incumbido o pobre mortal de levar consigo uma habilitação dessa região fastidiosa para lhe mostrar o que de bom e asseado havia na capital.

O homem aceitava o encargo, e momentos depois apparecia numa repartição publica, onde assistiam as mais estravagantes peripécias entre os classificados «mangas de alpaca». Fim do quadro, lá continuavam nessa via-sacra, por ruas e praças, a comentar os costumes e os ridiculos cidadãos, que appareciam nos quadros seguintes, até que a madama voltava, identificada sobre a vida lisboeta, para a sua terra, onde iria contar tudo quanto vira e observava.

Houve revistas que, modelos do género, como o *Tim, tim*, o *Sal e pimenta*, o *Alô*, *o preta*, se notabilizaram, fazendo a delicia de nossos ouvidos. Também nelas se fizeram as reputações de actores queridos, como o Augusto, o Joaquim Silva, o Alfredo Carvalho, o Santinho, que com a sua *vida cômica* supriam algumas vezes a falta de engenho e graça dos autores, metendo piadas de sua lavra a que em *argot* teatral chamavam *buxas*.

Do género que antigamente os empresarios lançavam mão em último recurso para fugirem as *perdiças* que esvoaçavam na bilheteira, fizeram mais tarde novos empresarios pegu obrigada para final de temporada, e durante o decorrer das *saissas* teatraes falava-se na revista da Trindade, como se falava na da Rua dos Condes, como na do Avenida. Nos intervalos das partituras de Lequoc, de Snppé ou de Andran discutia-se nos *foyers* dos teatros os números de futuro agrado e os ratos do palco iam revelando e dos quais os autores só muito avaremente davam noticia para não tirar o interesse da *première*.

Des'arte, as revistas multiplicaram-se e os revisteiros proliferavam como os cogumelos em terreno húmido. O que outrora fora uma tábua de salvação, um recurso extremo para uma outra empresa prestes a naufragar, tornou-se, anos decorridos, plano anticipado da exploração teatral. Assim, as revistas de ano converteram-se em revistas de semestre, depois, revistas de mês, e hoje são um pretexto para o espectador passar em revista as pernas das coristas que desfilam diante dele quando não descem à platéa para que passos libidinosos como maiores re-

formados sintam o prazer de verificar com as próprias mãos que não há artificios nem posturas a encobrir falhas de plasticidade, como succede numa revista ora em scena num palco alfaceira.

Como todas as coisas, a revista modernizou-se. O *compadre* que geralmente nos apparecia encarnado num tipo rusticão empunhando uma grosseira *malva*, passou a chamar-se *compre* e apparece-nos vestido pelo último figurino e brande uma *badine* de Malaca. E' certo, ainda nos sai disparatadamente do primeiro quadro, mas perde em chalaça e em riso iónico o que ganhou em grosseira alvar; e havendo chagás piustilantes para cauteizar, limita-se a impingir ao público sermões que o público já esquece.

Pretendendo alguns autores reivindicar a revista como género nacional de teatro, as revistas que hoje nos oferecem são a revelação formal da decadência deste género literário. Os nossos revisteiros — excluindo Schwaibach que ainda se orienta pelo velho preceito latino — macaqueiam, baseados em informações e dados que lhes fornecem pessoas chegadas de Paris, a clássica *revue des cabarets* parisienses. Seguindo os moldes dos Rips e Busquet da capital franceza, aquilo que se nos apresenta como revista é a negação flagrante do género que como tal em tempos que não vão longe propinavam a nossos pais. Pretendendo, por falta de observação critica, reformar a revista os cultores deste género tiraram-lhe o cunho acentuadamente nacional que Jacobety lhe imprimiu.

Ultimamente invadiu os palcos uma aluvião de *bons rapazes* com pretensões a revisteiros. São todos eles pessoas a quem o prestigio do teatro português não orienta. Alguns, demonstrando certa habilitação para architectar scenas dialogadas, são no entanto quasi analfabetos. Poderiam, se para tal possuíssem recursos, vir a lica com novos processos, com novas ideias sobre o caso, e isso impô-lo-ia à consideração das gentes; mas não, seguem na piugiada dos revisteiros consagrados, piagiando scenas e números de obras ntlgas, salemaleando os empresarios ou dando a honra a pessoa de peso de ser tem-bem autor com a única condição de fazer ir o trabalhinho a scena.

E assim vai vivendo esta gente, arranjando scenas que dem pretexto para o *costumier* e o scenógrafo brilharem, para um artista mostrar nua-rábula os seus recursos de actor e para as coristas exporem ante os olhares lassivos dum público ignaro as harmonias da sua plasticidade.

Deixando a moderna revista entregue os seus próprios recursos esse género teatral caltra irremediavelmente. Enquanto houver artistas de reconhecido mérito, como Chaby, Joaquim Costa, Angela Pinto, Auzenda, Gomes (o da Trindade), Amarante, etc., a valorizar com os seus recursos scenicos autênticos aleijões, em vez de desaparecer no esquecimento das coisas inúteis, a revista ameaçará perverter o sentimento do povo e subverter num atoleiro de podridão e de immoralidade o teatro português.

Jesus PEIXOTO

Arte e os artistas

(DA AGENCIA «ROSTA WIEN»)

Contra o analfabetismo

O Sôviets de Moscúvia abriu 700 escolas para adultos analfabetos. Essas escolas contam 20.000 alunos. A província de Moscúvia possui 1.600 escolas semelhantes.

No Universidade de Odessa

Os *Ukrainski Vistnik* publicam uma entrevista com um estudante da Universidade de Odessa. Os estudantes tem rações alimentares idénticas às dos soldados vermelhos: uma libra de pão por dia e refeições gratuitas. Recebem ainda 3000 rublos por mês. Trabalham uma hora por dia para a República sovietista. Os estudantes da escola de medicina trabalham nos hospitais e os da escola de direito nos tribunais revolucionários.

Escolas e mais escolas

Na província de Orenburgo, existem 685 escolas para analfabetos com 30.000 alunos e 891 professores.

A propaganda pelo cinema

A secção cinematográfica da comissão da Instrução pública mandou fabricar um grande film, representando o desenvolvimento dos sindicatos e o seu papel na produção. O film obteve um grande successo.

Livros russos impressos na Alemanha

O editor alemão de Máximo Gorki chegou a Petrogrado. Levou amostras de livros de escola russos que tinham sido impressos em Leipzig.

O comércio entre a Suécia e a Rússia

Os jornais de Estocolmo annunciam a constituição dum *consortium* sueco para exportação de m. radorias suecas para a Rússia. Este *consortium* reúne as maiores fábricas metalúrgicas, uma possante companhia de electricidade, fábricas de fósforos, etc. Os jornais informam que começou a entrega das locomotivas que as cooperativas encomen-

Exercencias Teatrais

A REVISTA

Houve tempo em que os directores dos teatros de ópera, quasi no fim das épocas teatraes, faziam representar uma amalgama de scenas orçadas de uma música ligeira a que chamavam revista, nome apropriado por perpassarem no palco os casos mais grotescos do ano, casos que um sujeito que atravessava a peça e a quem davam o nome de *Compadre* contava com ditos de espírito.

Essa paragem

